

O PALAVRÃO: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul

Natanael Luiz ZOTELLI FILHO¹

Raimunda Madalena Araújo MAEDA²

RESUMO

Apesar das definições sugeridas em dicionários para o palavrão e do senso comum de sua aplicabilidade, há um número considerável de falantes que dão um tratamento diferenciado ao palavrão, utilizando-o para outros propósitos além de ofender. Sendo assim, o presente trabalho tem como tema geral acompanhar, a partir de uma abordagem sociolinguística, o desenvolvimento do uso dos palavrões na comunicação oral informal entre os jovens do estado de Mato Grosso do Sul. Especificamente, investigar o uso de palavrões, nessas mesmas circunstâncias, em situações que possam indicar a constatação do tabu linguístico e, porventura, algum indício de afrouxamento de tabus morais no campo linguístico, buscando, se possível, responder se o universo a ser pesquisado está em processo de afrouxamento ou de fortalecimento de tabus morais no campo linguístico.

Palavras chave: Sociolinguística. Preconceito linguístico. Palavrão.

1 INTRODUÇÃO

Em resumo, indico que este trabalho tem como tema geral a comparação entre as definições sugeridas por dicionários para o termo “palavrão” e como este está sendo utilizado na comunicação oral informal de jovens do estado de Mato Grosso do Sul.

Monteiro (2008) nos ensina que Labov considerava redundante o termo Sociolinguística, tendo em vista que o enfoque linguístico teria de ser necessariamente social, em virtude da natureza do fenômeno que é a própria linguagem. Sendo assim, acrescento que a abordagem do trabalho será Sociolinguística, uma vez que durante a pesquisa pretendeu-se encontrar aspectos sociais para identificar como os entrevistados estão se comportando com o uso dos palavrões na comunicação informal, além de buscar

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2013). Mestrando em Estudos de Linguagens, com pesquisas na área da Sociolinguística, pela UFMS.

² Possui graduação em Letras pela UFMS (1983), Mestrado em Letras pela UNESP (2001) e Doutorado em Letras pela UNESP (2006). Atualmente é professora adjunta da UFMS. Atua como Docente no Curso de Letras, Campus de Aquidauana e no Curso de Mestrado em Estudos de Linguagens.

um diagnóstico do desenvolvimento dos “palavrões” como tabu linguístico nesse ambiente específico a ser pesquisado, de modo a contribuir com o acompanhamento da evolução de nossa língua materna.

Apesar de correr o risco de o tema da pesquisa esbarrar no senso comum, a qual turva o real entendimento sobre os tabus morais, sustento-me nas orientações de pesquisa de Dino Preti e na opinião do mestre Carlos Drummond de Andrade quando defendeu, em coluna ao **Jornal do Brasil**, do dia 20 de março de 1980, a publicação tardia do único dicionário de palavrões da língua portuguesa, de autoria de Mario Souto Maior, em 1979, no qual comenta:

A carga de tais preconceitos é tamanha que o *Dicionário do Palavrão e Termos Afins*, de Souto Maior, levou anos trancado em gavetas de censura, porque certo ministro da Justiça considerava atentatória aos costumes uma obra que tem similares de nível universitário na Alemanha, na França e outros países. Foi necessário que a opinião pública forçasse os governos militares à abertura democrática, embora tímida mas já hoje irrecusável, para que esse livro conquistasse direito de circulação e, portanto, de ser criticado. Seu autor, julgado sumariamente em sigilo de gabinete, seria assim um pornógrafo, quando na realidade se trata de um dos mais qualificados estudiosos da cultura nacional em seu aspecto de criação popular, de riquíssima significação. (ANDRADE, 1980).

De maneira geral, Preti (1984, p. 43) esclarece que, como sociolinguista, não há muito o que se discutir sobre o papel crítico de fenômenos linguísticos como o dos palavrões; basta apenas registrá-lo, entender suas origens e acompanhar sua evolução através do tempo, de modo que seja possível, num futuro incerto, prever seu declínio.

Não nos cumpre, como estudiosos da linguagem, um papel crítico ante esse fenômeno linguístico de natureza sociocultural e até psicológica. Ele está aí. Apenas devemos registrá-lo, incluí-lo em nossas pesquisas, estudar-lhe as origens e acompanhar-lhe o desenvolvimento, quem sabe, prever seu declínio (a uma época licenciosa, em geral, sucede, na História, uma recomposição dos bons costumes, uma volta à pureza). (PRETI, 1984, p. 43).

Neste trabalho será investigado, especificamente, o fenômeno do uso dos palavrões apenas em expressões orais dos entrevistados, visto que é o meio mais comum para colher exemplos pretendidos – emprego dos palavrões –, ao contrário de expressões escritas, meio pelo qual se costuma evitar em maior grau o uso dos palavrões.

2 BASE TEÓRICA

2.1 Comentários sobre a Sociolinguística

Segundo Trask (2006, p. 227) e Monteiro (2008, p. 16), Sociolinguística é o ramo da Linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. Embora o aspecto social da língua tenha despertado interesse desde as primeiras reflexões sobre o assunto, somente em 1960, através de William Labov, é que se iniciou uma série de investigações sobre a variação linguística, as quais revolucionaram o cenário da compreensão de como os falantes utilizam sua língua.

Trask (2006) ainda ensina que:

A Sociolinguística pode ser mais bem definida como o estudo da variação no interior de comunidades de fala, uma vez que os aspectos estritamente geográficos já tinham sido pesquisados ao longo de várias gerações através de estudiosos da geografia dialetológica, o estudo dos dialetos regionais. Em qualquer comunidade de fala, independentemente de seu tamanho, há uma variação considerável entre os indivíduos: um corretor de bolsa não fala como um encanador, as mulheres não falam como os homens, os jovens não falam como os idosos, e assim por diante. Além disso, mesmo os indivíduos considerados em sua singularidade não estão limitados a uma única variedade da língua: você não usa a mesma linguagem do mesmo modo quando está jogando conversa fora com os amigos num bar, quando está sendo entrevistado na empresa à qual pediu emprego.

É claro que os primeiros linguistas perceberam essa variação, mas eles se inclinaram a desqualificá-la, por entenderem que se tratava de um fato marginal e sem consequências, ou mesmo como um estorvo atravessado no caminho das boas descrições. Hoje, ao contrário, reconhecemos que a variação é uma parte integrante e essencial da língua, e que a ausência dessa variação é quase patológica. (TRASK, 2006, p. 227).

Ciente, então, que existem diversas variações na mesma língua e considerá-las é o mesmo que se alinhar ao estudo linguístico sério; verifica-se que há uma relação tão íntima entre a língua e o comportamento social de determinada comunidade que torna excitante a compreensão de certos detalhes linguísticos através do olhar sociolinguístico.

Monteiro (2008, p. 17) diz que o sistema linguístico acompanha a evolução da sociedade e reflete de certo modo nos padrões de comportamento social. Isso sugere que certas atitudes/procedimentos sejam condicionados pela língua, ou que a língua seja condicionada pela sociedade.

De maneira específica, visto que o foco deste trabalho está direcionado sobre uma análise sociolinguística dos palavrões na comunicação oral informal, é fundamental

realizar um breve comentário sobre os palavrões à luz da Sociolinguística. Preti (1984) afirma que o palavrão:

É um fenômeno da Sociolinguística, mas acessível também aos leigos, desde que sejam bons observadores das transformações dos costumes contemporâneos, das desigualdades sociais que se acentuam, **do afrouxamento dos tabus morais**, da crescente ausência de educação religiosa [...]. E, assim, como reflexo social, a linguagem “baixa” introduz-se lentamente na conversação das classes cultas, nas declarações dos políticos, nos pronunciamentos dos homens do governo. (PRETI, 1984, p. 43, grifo nosso).

Sendo assim, o trabalho está pautado entre as linhas sociolinguísticas, de modo a limitar-se no acompanhamento do fenômeno do uso do palavrão na comunicação oral, afastando-se de intenções críticas ou apologéticas quanto ao uso do palavrão, seja de maneira comedida, seja de maneira exagerada.

2.2 Sobre a Comunicação Oral

Dando prosseguimento ao entendimento dos palavrões observados a partir da Sociolinguística, é relevante tecer alguns comentários sobre a comunicação oral, meio pelo qual as variações linguísticas tornam-se mais evidentes. Nesse sentido, Avelino (2009) esclarece da seguinte maneira:

[...] segundo estudiosos da Sociolinguística, a variação pode ser definida como a forma diversificada de um indivíduo se expressar, influenciada por variáveis linguísticas ou sociais, isto é, por **fatores ligados ao falante, ao grupo a que ele pertence, à situação de uso da língua ou por todos, considerando-se variações devidas ao gênero do falante, à faixa etária e ao nível de escolaridade, no uso de um dado vocábulo para se expressar no interior da comunidade em que vive**. Por isso, em uma mesma comunidade, pode haver diferentes formas para expressar um mesmo referente (TARALLO, 2001); inclusive, fala-se em linguagens especiais, linguagem técnica, linguagem da juventude, entre outras, e as gírias e as palavras (de baixo) calão estão inseridas nessa “linguagem jovem”, como muito bem nos lembra Camacho (2001, p. 59) (apud MUSSALIN e BENTES, 2001): “os jargões científicos e as gírias são subcategorias compreendidas no âmbito das linguagens técnicas ou especiais”. (AVELINO, 2009, p. 5, grifo nosso).

Sendo assim, verifica-se que existem fatores externos à língua que interferem em como a comunicação ocorre entre falantes. Ainda, por se tratar de falantes e da comunicação oral em detrimento da forma textual escrita – onde dificilmente ocorre o

emprego de palavrões na comunicação interpessoal, a não ser em trocas de mensagens particulares através dos meios de comunicação virtuais, ou em textos publicados que versam sobre o uso dos palavrões como recurso metalinguístico, como o exemplo deste trabalho. De modo que explorar o recurso de comunicação oral apresentou-se como o meio mais viável para o desenvolvimento da pesquisa.

Apesar de ser possível um palavrão ser utilizado, escrito ou falado, de maneira fria e calculada, é notório que esse tipo de ocorrência é muito menor se comparado ao seu uso na fala comum. O fato de os palavrões estarem intimamente ligados à comunicação oral pode ser justificado pela falta de cuidado que pode ocorrer naturalmente durante a fala, ao contrário das escolhas que um autor faz para elaborar seu texto escrito. É longe dos olhos da opinião alheia, da censura dos pais ou professores que as expressões mais espontâneas se desenvolvem por meio da comunicação oral, conforme salienta Tarallo (2000):

[...] é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. [...] É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. [...] a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias sem a preocupação de *como* enunciar-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. (TARALLO, 2000, p. 19, grifo do autor).

Evidencia-se, dessa forma, um paralelo em que é possível notar diferenças entre a produção oral elaborada, a exemplo de uma palestra, um discurso de posse ou uma notícia na rádio, e a produção oral espontânea, exemplificada em situações citadas na referência anterior.

2.3 Sobre o tabu linguístico

Sabe-se que o tabu está intimamente ligado com o que se estabeleceu numa determinada sociedade como proibido. Logo, é possível estender o entendimento e exemplificar com o universo da alimentação. Para determinada sociedade que comunga de uma crença religiosa, é proibido comer qualquer tipo de carne em determinadas épocas em que são comemoradas datas sagradas. Além, é claro, do exemplo mais evidente de tabu antropológico, como o ato de alimentar-se de carne humana

(canibalismo).

Voltando para o campo linguístico, é possível perceber que existem proibições impetradas na língua em diversas comunidades. No caso da língua portuguesa, muito do que é proibido está ligado à sexualidade e aos órgãos excretores (“foder”, “puta”, “cu”, “caralho”, “merda” etc.), ao passo que na língua inglesa as proibições linguísticas giram em torno de profanações, blasfêmias, além da sexualidade (“*to fuck*”, “*bitch*”, “*ass*”, “*cock*”, “*shit*”, “*holy fuck*”, “*what hell*” etc.). Desse modo, segundo Orsi (2011), o tabu acaba sendo:

[...] um sistema de superstições relacionado a valores morais, algo como “fruto de proibição e, ao mesmo tempo e por esse motivo, objeto de desejo, ou seja, é sinônimo de transgressão; estipula o que é autorizado e o que não se permite em determinada sociedade. (ORSI, 2011, p. 336).

Sendo assim, certas coisas não podem ser ditas, sequer mencionadas, exceto em circunstâncias específicas livres de etiqueta comportamental, e em geral recorre-se ao eufemismo para substituir as expressões chulas. Segundo Trudgill (1979 apud MONTEIRO, p. 19): “Na língua, o tabu é associado com as coisas que não são ditas e, em particular, com palavras e expressões que não são usadas”.

De maneira mais clara e evidente, Guérios (1979) define o tabu linguístico da seguinte forma:

[...] o tabu linguístico pode ser próprio ou impróprio: Propriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça. Impropriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira. (GUÉRIOS, 1979, p. 5).

Esclarecendo de maneira definitiva a posição dos palavrões balizada pela linguagem obscena e pelo tabu linguístico, confirma-se através de Preti (1984) que:

A linguagem obscena pertence ao campo dos tabus linguísticos e, por isso, são claras as suas ligações com os estudos sociolinguísticos. Opõe-se à linguagem corrente (e disso o falante guarda consciência), servindo à descarga afetiva, à injúria, quer como índice de coloquialismo, quer como expressão carinhosa, perdida sua conotação injuriosa, em determinadas situações, onde se pretende forçar uma intimidade maior com o ouvinte. Esse último enfoque do vocabulário obsceno vem-se acentuando no contexto histórico moderno e constitui um verdadeiro processo desmitificador do chamado “palavrão”. (PRETI, 1984, p. 27).

De toda forma, percebe-se que há registros nos estudos de Dino Preti de um chamado “processo desmitificador”, no qual o palavrão, de origem e conteúdo naturalmente grosseiro e ofensivo, passa por uma descarga afetiva, ou seja, perde seu valor ofensivo e injurioso, em determinadas situações, e é utilizado coloquialmente para fins diferentes do de ofender. Como, por exemplo, a palavra “babaca” que será apresentada na seção Conclusão.

2.4 Preconceito linguístico

De posse das definições anteriormente apresentadas e do desenvolvimento do raciocínio para o estudo deste trabalho, reserva-se um momento para salientar a necessidade do ser humano em se comunicar com outros indivíduos de sua comunidade, utilizando a linguagem para revelar suas emoções, pensamentos, opiniões, etc. Contudo, a linguagem utilizada, por vezes, esbarra em preconceitos e tabus, como visto anteriormente. Entende-se que o preconceito linguístico advém da ignorância, uma vez que gira em torno do “não gostar” ou “achar errado” sem devida explicação lógica e racional do que está sendo rejeitado.

É fato que o assunto exige um estudo aprofundado em áreas diferentes das do universo deste trabalho; contudo, é possível levantar prováveis explicações para um indivíduo preconceituoso, como a transmissão de cultura dos mais velhos para os mais jovens, de tal forma que os preconceitos de hoje foram influenciados pelos preconceitos de ontem.

Por fim, Orsi (2011) afirma:

Um tipo de preconceito muito comum nas sociedades é o preconceito linguístico, alimentado diariamente em programas televisivos e radiofônicos, em jornais, revistas, livros e manuais que pretendem instituir o que é certo e errado e no qual se inclui o léxico obscuro que pesquisamos. (ORSI, 2011, p. 342).

Logo, constata-se que há uma forte interferência do contexto social sobre tudo aquilo que consideramos certo ou errado, principalmente em como nos comunicamos, a ponto de ser evidente que, em determinado horário da programação da televisão aberta brasileira, são exibidos programas com cenas de sexo explicitamente sugeridas, mas a fala, quando há ocorrências de palavrões, é censurada por um ruído (*pi*), para que não

choque o espectador. Este e outros exemplos acabam contribuindo para a manutenção do preconceito linguístico.

2.5 O palavrão segundo os dicionários

Segundo os dicionários de Aurélio, Michaelis, Bueno, Prado e Silva, e Houaiss, os significados para o termo “palavrão” giram em torno de: “1. Palavra grande e que se pronuncia dificilmente; 2. Termo empolado; 3. Palavrada; 4. Termo enfático; 5. Palavra obscena ou grosseira.” Neste trabalho será levada em consideração a última definição, por razões óbvias.

Independente do dicionário, as definições para o palavrão são semelhantes quando atribuem a ele apenas os sentidos básicos de palavra grande ou de palavra obscena. Das definições que abarcam a ideia do palavrão ser obsceno ou grosseiro, subentende-se que os mesmos tem serventia exclusiva à ofensa, ou pelo menos que causam esse efeito, o de ofender. É nesse sentido que se faz a grande crítica do trabalho: apesar das definições sugeridas em dicionários, os palavrões estão sendo por vezes utilizados para fins diferentes dos esperados, ou seja, fins diferentes do de ofender ou injuriar.

Orsi (2001) revela que:

A desmistificação do sexo, ainda que lenta, tem se refletido no emprego mais frequente dessa linguagem, em que lexias de baixo prestígio social têm sido absorvidas ao discurso culto e prestigiado, via oral ou escrita pelos meios de comunicação de massa, prenunciando que o léxico erótico e os palavrões em geral estão se fixando, cada dia mais, nos recursos afetivos da língua. Eles dispõem hoje de um trânsito relativamente normal e com aceitabilidade social em diálogos do cinema, em filmes e conversas informais (PRETI, 2003 apud ORSI, 2011, p. 338).

O que se pretende, na verdade, é alertar os interessados para o fato de que o vocábulo “palavrão” é carente de definição nos dicionários, diante do seu atual emprego na língua portuguesa. Não é foco do trabalho sugerir a dicionarização de grande número de palavrões justificando-se pelo seu uso comum, que tende ao uso privilegiado, uma vez que este tipo de trabalho já foi concretizado através do “Dicionário do palavrão e termos afins”, escrito por Mario Souto Maior e publicado originalmente em 1974.

Sobre a obra de Souto Maior e para esclarecer um pouco do campo conceitual

dos palavrões, nota-se que a maioria dos palavrões no Português Brasileiro faz referência, especificamente, aos órgãos sexuais excretores, bem como a fisiologia humana. Diferentemente do Inglês e outras línguas que possuem uma gama de palavrões mais extensa que estas inferências, colocando os palavrões como conexões entre o ofensivo e o sagrado ou religioso.

3 METODOLOGIA

Para este trabalho foi elaborado um questionário de entrevista estruturado para ser aplicado ao universo entrevistado, o qual é constituído de jovens de faixa etária entre 18 e 19 anos, dos municípios de Aquidauana, Anastácio, Miranda, Bodoquena, Dois Irmãos do Buriti e Nova Andradina, todos do estado de Mato Grosso do Sul.

O questionário de entrevista estruturado é composto de 2 (duas) partes. A primeira buscou colher informações sociais sobre o entrevistado, como: grau de escolaridade, renda familiar, lugar de residência, religião, participação em algum grupo social, nível de entendimento sobre os palavrões, etc. Na ocasião as respostas foram anotadas à mão pelo próprio entrevistador. A segunda parte é constituída de 4 (quatro) situações de comunicação, onde o palavrão é empregado ou não. Na ocasião as respostas foram gravadas por meio de um gravador de voz, a fim de que fossem preservados detalhes relevantes para a análise dos dados.

De início imaginou-se viajar para cada município a fim de aplicar o questionário *in loco*. Contudo, partindo dos princípios lógicos da economia e da celeridade, surgiu a possibilidade de aplicar o questionário dentro das dependências do 9º Batalhão de Engenharia de Combate, situado no município de Aquidauana/MS, uma vez que essa instituição do Exército Brasileiro recruta todos os anos cidadãos do seu próprio município, assim como de Anastácio, Bodoquena, Dois Irmãos do Buriti, Miranda e Nova Andradina.

3.1 Coleta dos dados

Apresenta-se o questionário de entrevista estruturado resumido às questões mais relevantes dos resultados obtidos.

Trecho da pesquisa – 1ª parte

4. Mora com os pais? () Sim / Não () 5. Renda familiar aproximada: R\$ _____

10. Religião: _____

11. Frequenta alguma igreja ou centro? () Sim / Não (). Qual? _____

12. Você faz uso de palavrões em conversas informais durante o dia a dia? () Sim / Não ()

Dadas as seguintes situações, responda, sem elaborar muito sua resposta, como você define a intenção do personagem que usa os palavrões na fala, se intenção de ofender ou outra qualquer.

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Trecho da pesquisa – 2ª parte

Situação 1 (Em caso de surpresa): Fernando e Rafael são dois jovens de 19 anos e ao voltarem a pé da escola para casa se deparam com a cena de um carro passando bem a sua frente e dizem:

Fernando – Um dia eu vou comprar um carro desses!

Rafael – Nossa! Que carro fodido! É igualzinho àquele um da propaganda!

Situação 2 (Sinais de afetividade): Roberto trabalha num escritório de contabilidade na capital e faz quase um mês que tem tido que dar conta de todo o trabalho sozinho, pois o outro rapaz que trabalha com ele, Cléber, está em férias. Nessa manhã, Roberto teve uma surpresa:

Cléber – E aí, Robertão! Sentiu minha falta, rapaz?

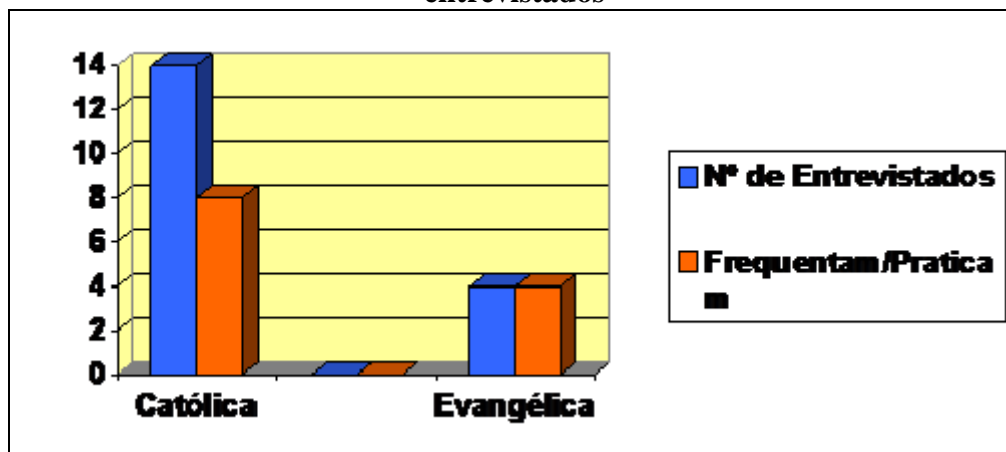
Roberto – Cléber, seu veado do caralho! Ainda bem que você voltou logo! Esse escritório está uma zona!

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados durante a pesquisa, por meio do questionário de entrevista estruturado, estão expostos de forma condensada em grupos de variáveis externas à língua. Os resultados são os que seguem:

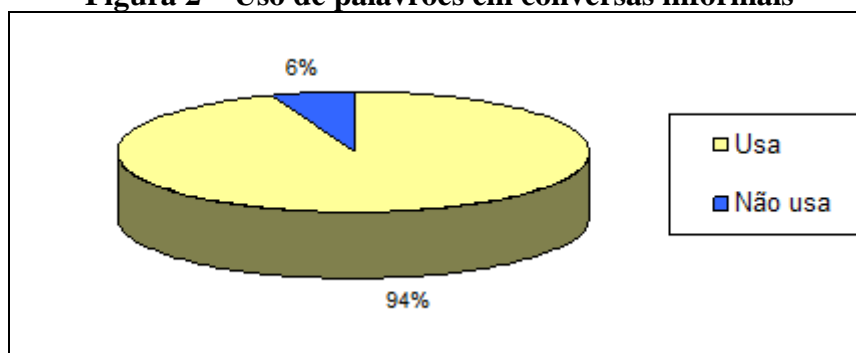
Figura 1 – Comparação entre o aspecto Religião versus Religiosidade dos entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Com a análise desses dados, foi possível observar que a maioria dos entrevistados são católicos. Não faz parte das expectativas ousar dizer que os católicos predominam nos municípios de Mato Grosso do Sul selecionados em comparação com os evangélicos e espíritas. Entretanto, é possível salientar que o fator externo à língua “religiosidade”, nesta pesquisa, mostrou-se mais forte entre os evangélicos que entre os católicos. Dada essa característica, foi possível notar que houve certo constrangimento entre os entrevistados que disseram frequentar igrejas, quando tinham que responder se usavam os palavrões em conversas informais ou não. Apesar desse detalhe, quase a totalidade respondeu fazer uso do palavrão para conversar informalmente.

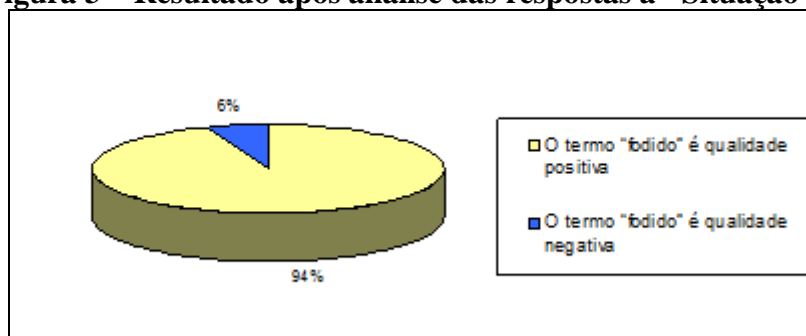
Figura 2 – Uso de palavrões em conversas informais



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

- a) Situação 1 (Em caso de surpresa): o termo “**fodido**” é utilizado para qualificar um carro.

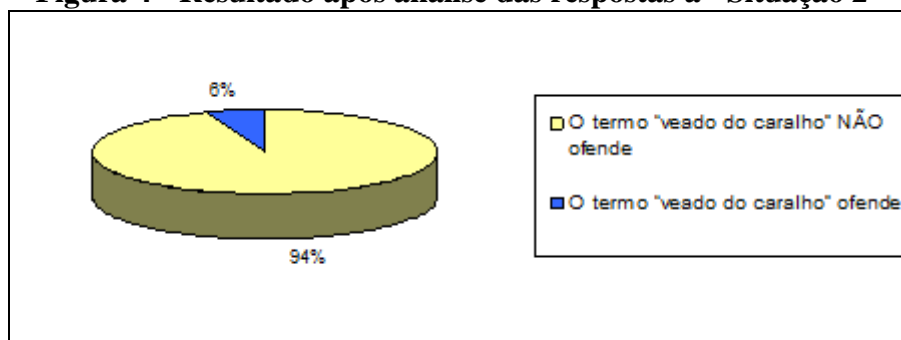
Figura 3 – Resultado após análise das respostas à "Situação 1"



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

- b) Situação 2 (Expressando sinais de afetividade): o termo “**veado do caralho**” para se referir a uma pessoa.

Figura 4 - Resultado após análise das respostas à "Situação 2"



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Ao interpretar os dados do quadro, verifica-se que, dos 7 (sete) entrevistados que disseram que o palavrão é utilizado apenas com o propósito de ofender, 6 (seis) disseram que o termo “**fodido**” da Situação 1 serve para dar qualidade positiva ao carro, e todos disseram que o termo “**veado do caralho**” da Situação 2 **NÃO** foi utilizado com a intenção de ofender.

Figura 5 – Confronto de opiniões quanto à finalidade do palavrão e o emprego prático, segundo os entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

É possível observar com o auxílio do gráfico que a primeira coluna retrata a minoria dos entrevistados que acreditam que o palavrão serve exclusivamente para ofender. Entretanto, a segunda e a terceira colunas evidenciam os resultados das respostas dos mesmos entrevistados às situações 1 e 2, cujos personagens empregam os palavrões ora para falar de um carro, ora para falar a um amigo de trabalho que retornou de férias. Fica nítido, então, perceber que, em teoria, os entrevistados responderam que os palavrões ofendem somente. Quando é apresentado o uso do palavrão em contexto de fala, os respondentes disseram que a intenção de quem usou os palavrões está longe de ofender; muito pelo contrário, que a intenção é de fomentar algo positivo.

5 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, cabe esclarecer que, a fim de evitar repetições de determinados termos, os resultados expressos neste trabalho não têm a intenção de generalizar certo comportamento comunicacional de toda a sociedade brasileira, mas tão somente do universo que foi entrevistado, ou seja, parcela mínima de jovens sul-mato-grossenses.

Salvaguardado pelo esclarecimento citado, após análise dos dados, foi possível observar que a quase totalidade dos entrevistados utiliza os palavrões para se comunicar em situação de informalidade. Todavia, ficou claro que há grande insegurança em

apontar o real uso (para quê serve) do palavrão. Esse fato mostra que os entrevistados não têm um domínio concreto sobre as possibilidades que o emprego de palavrões pode oferecer, como por exemplo, demonstrar grau de afetividade, expressar espanto ou surpresa, elogiar, desabafar, e claro, ofender.

Constatou-se que a maioria o utiliza, enquanto, por outro lado, evita falar, ao mesmo tempo em que não se incomoda quando ouve os palavrões em conversas informais. Grande parte dos entrevistados também respondeu que entende que o palavrão serve para outros fins além do de ofender.

Sobre a questão do palavrão como preconceito linguístico, foi possível observar que, entre os entrevistados que informaram seguirem a religião evangélica, houve certo constrangimento ao admitirem que faziam uso de palavrões para se comunicar informalmente. Muito provável que a reação foi motivada pelos regimentos e filosofias do segmento religioso cristão evangélico, ou protestante, em tratar os palavrões de forma rígida, incorporando-os aos pecados.

Nesse mesmo sentido, foi possível observar, também, que a maioria dos entrevistados que informaram que viviam em área rural foram os que responderam fazer menor uso dos palavrões. Aqueles que não entenderam o que poderia ser uma situação de comunicação informal, havendo a necessidade de se explicar que era o momento em que conversavam entre amigos longe dos olhares dos pais, ou professores, acabaram comentando que onde viviam não tinham muitos momentos em que ficavam longe dos mais velhos da família, motivo pelo qual se supõe que não tenham maior liberdade em utilizar os palavrões.

Sobre a questão do palavrão como tabu linguístico, foi possível observar que entre os entrevistados destaca-se o movimento de afrouxamento do tabu, uma vez que se constatou que a quase totalidade faz uso desse recurso e não se incomoda quando outros fazem uso do palavrão em situação informal.

Apesar dos inúmeros fatores que estão envolvidos na escolha das palavras no ato da fala, e de ter havido a intenção inicial de se obter resultado que proporcionasse apontar uma faixa etária, ou classe econômica, ou interferência pelo aspecto do grau de escolaridade dos entrevistados, observou-se que não houve indicadores concretos que evidenciassem que algum desses aspectos influenciasse o uso dos palavrões. Sobretudo, Preti já comentava, em 1984, que o palavrão não caracterizava, exclusivamente, os discursos das pessoas de classes “baixas”, ou marginais; muito pelo contrário, que o

palavrão marca a fala de pessoas de classe social alta e a todos os níveis intelectuais.

Por fim, ficou clara a existência, pré-determinada por questões externas à língua – tabus e preconceitos, de uma divergência do palavrão, quanto ao seu significado e finalidade sugeridos pelos dicionários em relação ao modo como é admitido e utilizado na comunicação oral informal do universo entrevistado nessa pesquisa. Além dos resultados terem sido satisfatórios às expectativas do trabalho, o qual podem servir como radiografia do modo como esse pequeno grupo levantado tem utilizado os palavrões como recurso linguístico em seu cotidiano.

ZOTELLI FILHO, Natanael Luiz; MAEDA, Raimunda Madalena Araújo O palavrão: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 1, p. 103-118, nov. 2014.

LA PALABROTA: contrastes sociolinguísticos entre las definiciones en los diccionarios y la aplicación práctica en la habla de jóvenes de Mato Grosso do Sul

RESUMEN

A pesar de las definiciones sugeridas en diccionarios para la palabrota y del sentido común de su aplicabilidad, aun hay un número considerable de hablantes que dan un tratamiento diferenciado para la palabrota, utilizándola para otros propósitos además de ofender. De esta forma, el presente trabajo tiene como tema general acompañar, a partir de un abordaje sociolingüística, el desarrollo del uso de las palabrotas en la comunicación oral informal entre los jóvenes del estado de Mato Grosso do Sul. Específicamente, investigar el uso de las palabrotas, en estas mismas circunstancias, en situaciones que puedan indicar la constatación del tabú lingüístico y, por ventura, algún indicio de debilidad de los tabúes morales en campo lingüístico. Buscando, si posible, responder si el universo a ser pesquisado, está en proceso de debilidad o de fortalecimiento de los tabúes morales en campo lingüístico.

Palabras clave: Sociolingüística. Prejuicio lingüístico. Palabrota.

REFERÊNCIAS

AVELINO, H. C. M.; BUENO, Elza Sabino da Silva. **Varição Linguística:** estudo comparativo do uso de palavras calão e gírias no português falado por alunos do ensino fundamental e médio de Dourados. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (ENIC), 7., 2009, Dourados. **Anais eletrônicos...** Dourados: UEMS, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/index.php/enic/article/view/2047>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

BUENO, F. S. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

LIVRARIA DA FOLHA. Drummond defendeu "Dicionário do Palavrão", censurado pelos militares nos anos 70. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 15 jul. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/766726-drummond-defendeu-dicionario-do-palavrao-censurado-pelos-militares-nos-anos-70.shtml>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

HOUAISS, A. **Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2008.

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, n. 17, p. 334-348, jul. 2011.

PRETI, D. **A Gíria e Outros Temas**. São Paulo: Ed. da USP, 1984.

SILVA, A. P. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Mirador Internacional, 1976.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

TRASK, R. L. et al. **Dicionário de linguagem e linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

TRASK, R. L. et al. **MICHAELIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2010.

Recebido em 10 de junho de 2014.

Aprovado em 01 de julho de 2014.